

ALIANÇA MUNICIPAL ESPÍRITA DE JUIZ DE FORA (AME JF)
Departamento de Evangelização da Criança (DEC)

2004: ANO DE KARDEC

CURSO
INTENSIVO
DE
PREPARAÇÃO
DE
EVANGELIZADORES
(CIPE)



28 DE MARÇO DE 2004

ALIANÇA MUNICIPAL ESPÍRITA DE JUIZ DE FORA - AME-JF
Departamento de Evangelização da Criança - DEC/AME-JF
Curso Intensivo de Preparação de Evangelizadores - CIPE
28.março.2004

Estimado(a) Irmão(ã) Evangelizador(a):

Retornamos ao convívio estreito em mais este CIPE, com os corações estuantes de alegria, na doce paz de Jesus!

O conteúdo explorado neste Curso é a culminância de propostas trabalhadas nos CIPEs de 2002: “Aprendendo a Pensar”, de 2003: “Educação do Sentimento”, bem como a conclusão de projeto desenvolvido pelo DEC a partir de agosto/2002, intitulado “A Codificação Espírita e os Pequenos Companheiros.”

Isto posto, foi definida como divisa do CIPE/2004 “Evangelização aplicada, hábitos renovados”, quando buscamos a consolidação do aprendizado com o estímulo a todos nós para que apliquemos à vida prática os conceitos educacionais construídos sob a ótica espírita.

Entendendo, com os Benfeitores Espirituais que nos amparam o crescimento, que a Verdade da 3ª Revelação é o alicerce seguro do caminho libertador, sendo “luminosa a coerência entre o Cristo e o Apóstolo que lhe restaurou a palavra; Jesus, a porta; Kardec, a chave”(1), estamos, com nossos estudos – conteúdo e metodologia – homenageando o insigne Codificador da Doutrina Espírita nas comemorações de seu bicentenário.

Assim é que selecionamos alguns componentes básicos do processo de aprendizagem, consideradas as faixas etárias em que mais intensamente se manifestam: *afetividade, concentração, interesse, disciplina, conflitos*, buscando abordá-los à luz do conhecimento doutrinário, e finalizando com a exemplificação de como Jesus agia nas situações enfocadas, recorrendo, para tal, aos registros evangélicos.

Temos certeza, querido(a) irmão(ã) que, sob as bênçãos do Cristo de Deus, nas amoráveis presenças dos Amigos Espirituais que nos presidem o ideal e os esforços, estaremos não só armazenando luz para a caminhada, mas também fortalecendo-nos em vontade e determinação para o desempenho da tarefa a nós confiada por acréscimo da Divina Misericórdia.

Aceite o carinho fraterno em abraço amigo da

Equipe do DEC/AME-JF

Módulo I Aprendizado e Evolução

CARACTERES DO PROCESSO EVOLUTIVO

“É assim que tudo serve, que tudo se encaixa na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, que também começou por ser átomo.” (O L. E., item 540)

Todos nós, Espíritos imortais, fomos criados “simples e ignorantes”; partimos de um mesmo ponto, e recebemos como herança a capacidade de progredir, em medida absolutamente igual, em consonância com a indefectível justiça de Deus. Ao longo dos milênios sucessivos, através do esforço evolutivo individual, vamos revelando a luz divina que trazemos dentro de nós, conforme ensinou Jesus: “Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens (...)” Mt, 5:16. A exteriorização mais ou menos intensa dessa herança divina que trazemos é que nos torna diferentes uns dos outros. Só dentro de uma perspectiva evolutiva é que se pode ver um silvícola feroz e um Francisco de Assis como filhos de um mesmo Deus justo, pois o que diferencia esses dois Espíritos não é a sua natureza, a sua origem, mas apenas evolução.

A evolução do Espírito se efetiva através de inúmeras vidas sucessivas, que oferecem-lhe oportunidades variadas de incorporar em si as experiências que o meio lhe propicia, num processo que se pode chamar de aquisição de inteligência, e de desenvolvimento de virtudes que lhe são iminentes. Essa visão da evolução do Espírito é muito clara no Espiritismo.

Em outras religiões reencarnacionistas, a reencarnação é vista apenas como oportunidade de os Espíritos faltosos retornarem à Terra a fim de reparar seus erros ou de concluir aquilo que deixaram inacabado. Admitem, também, a reencarnação de Espíritos mais adiantados, que retornam ao mundo físico em missão, para ensinar o caminho do bem. Essas religiões não têm a perspectiva evolutiva. O Espiritismo não nega essas duas situações, indo mais além, ensinando que não reencarnamos só em missão ou resgate, mas que a reencarnação é necessária a todos os Espíritos, por ser inerente ao processo evolutivo. Assim, a reparação de faltas anteriormente cometidas não é vista como punição, mas como fazendo parte da caminhada evolutiva rumo à perfeição, a que todos estamos sujeitos. Igualmente, no desempenho de missão sacrificial, o Espírito que a leva a efeito não está fora do processo evolutivo, porque também ele está progredindo, embora nada deva à Terra, tendo o seu retorno sido motivado apenas pelo amor.

No Espiritismo, a reencarnação ocupa lugar de destaque, constituindo-se num dos pilares básicos de toda sua estrutura doutrinária, contrapondo-se frontalmente à tese salvacionista, ensinada por outros setores do Cristianismo. Em verdade, a respeito de salvação, o Espiritismo vai muito além de outras religiões, pois ao nos ensinar que não existem penas eternas, leva-nos a concluir que todos estamos salvos, porque somos cidadãos do Universo, filhos amados de Deus, habitantes da “Casa do Pai”, conforme ensinou Jesus.

Por tudo isso, se bem atentarmos para a amplitude e profundidade dos ensinamentos de Jesus, veremos que, em última análise, seus ensinamentos se constituem numa ampla proposta de aperfeiçoamento do Espírito, num chamamento ao esforço individual, que não pode ser desenvolvido numa só vida. Em verdade, o Mestre nunca apresentou soluções mágicas de salvação. Pelo contrário, suas lições sempre foram no sentido de despertar a criatura para a necessidade do esforço evolutivo: “(...) renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz, e siga-me.” (Mt, 16: 24) “Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei o bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem.” (Mt, 5: 44) “Sede, pois, vos outros, perfeitos, como perfeito é o vosso Pai celestial.” (Mt, 5: 48)

E por ser uma doutrina eminentemente evolucionista e não salvacionista é que o Espiritismo prioriza o estudo, a reflexão, obediente à recomendação do Espírito da Verdade: “Espíritas! amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo.” (O E.s.E., cap. 6 – item 5).

CARACTERES DO ESPÍRITO EM SUA NOVA ENCARNAÇÃO

“Encarnando, com o objetivo de se aperfeiçoar, o Espírito, durante esse período, é mais acessível às impressões que recebe, capazes de lhe auxiliarem o adiantamento, para o que devem contribuir os incumbidos de educá-lo.” (O L. E., item 383)

Conta-se que certa vez, uma mãe perguntou a um eminente educador quando deveria começar a educar seu filho, e ele, respondendo, perguntou-lhe a idade da criança.

– Um ano, respondeu-lhe a mãe.

– Então você já perdeu um ano, sentenciou o educador.

Se esse educador fosse espírita, certamente diria que a mãe já tinha perdido um ano e nove meses, pelo fato de já estar o Espírito reencarnante junto da mãe, desde a concepção, registrando seus pensamentos e estados emocionais, conforme ensinamento dos Espíritos, que é hoje fato comprovado em sessões de terapia em que é praticada a regressão de memória.

O conhecimento da reencarnação muda completamente a perspectiva do educador. A criança, na visão espírita, não é aquele ser “recém-saído das mãos do Criador”, herdeiro das características físicas e morais de seus antepassados, próximos ou remotos. Embora acreditando na herança recebida dos pais, algumas escolas psicológicas do passado, viam a criança quase como uma massa amorfa que poderia ser moldada ao gosto do educador.

No Espiritismo aprendemos que a criança é um Espírito imortal, viajor da Eternidade, que retorna às lides terrenas para continuar o seu processo evolutivo, herdando de seus antepassados apenas os traços físicos, conforme se lê em “O Evangelho segundo o Espiritismo”: *“O corpo procede do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito, porquanto o Espírito já existia antes da formação do corpo. Não é o pai que cria o Espírito de seu filho; ele mais não faz do que lhe fornecer o invólucro corpóreo, cumprindo-lhe, no entanto, auxiliar o desenvolvimento intelectual e moral do filho, para fazê-lo progredir.”* (cap XIV, item 8)

Por aí se percebe que a educação espírita tem um enfoque diferente, por reconhecer na criança um Espírito não começando a sua jornada de imortalidade, mas num trecho do caminho do aperfeiçoamento. Tudo aquilo que pertence ao campo intelecto-moral ele herda de si próprio; é o seu acervo acumulado vagarosamente, ao longo dos milênios sucessivos

Em sua nova encarnação, o Espírito não perde suas aquisições do passado, nem as do campo moral, nem as do campo intelectual. Sua bagagem permanece encerrada no cofre do esquecimento, em nada, ou em quase nada influenciando em suas reações nos primeiros tempos de vida física.

Se observados, os recém-nascidos reagem de maneira uniforme, porque neles prevalece a natureza animal. Mas, à medida que o corpo lhe permite, vai o Espírito, vagarosamente, emergindo do mergulho na matéria, revelando, pouco a pouco, características próprias.

Numa nova etapa da sua caminhada evolutiva, sempre com fins educativos, o Espírito pode encarnar num corpo que não lhe permita acesso a toda a sua bagagem intelectual, o que não significa perda de suas aquisições. Todo o seu acervo intelectual continua com ele, e ele poderá acessá-lo no seu retorno ao Mundo Espiritual, ou numa nova encarnação, desde que cessadas as causas da restrição que sofreu. Entretanto, tudo aquilo que já desenvolveu no campo do sentimento, da moral, da ética – esse acervo, o acompanhará sempre, em qualquer situação em que se encontre. Assim, o Espírito nem sempre revela toda a sua bagagem cultural numa encarnação, mas sempre dará notícia de quanto já percorreu os caminhos apontados pelo Evangelho.

COMO OS IMPULSOS DO PASSADO REAGEM AOS ESTÍMULOS DO PRESENTE

Que é o que motiva a mudança que se opera no caráter do indivíduo em certa idade, especialmente ao sair da adolescência? É o Espírito que se modifica?

“É que o Espírito retoma a natureza que lhe é própria e se mostra qual era.” (O L. E., item 385)

O Espírito reencarnado reage aos estímulos do meio em que se manifesta, de acordo com o grau da escala evolutiva em que se encontra. Sabe-se que quanto mais evoluído é o Espírito, tanto menos será influenciado pelo ambiente em que foi levado a viver. Tome-se como exemplo certas reações de Paulo – um dos Espíritos mais evolucionados que a Terra conheceu –, que não conseguiu forrar-se de todo às influências do Judaísmo, que funcionaram, desde a infância, como estímulos à tomada de determinadas atitudes que, certamente, se tivesse encarnado em meio cristianizado, não as tomaria. Nesse particular, deve ser ressaltada a independência absoluta de Jesus às influências do meio em que viveu. É o único Espírito, encarnado na Terra, em quem não se detecta qualquer atitude equivocada, que teria sido tomada em função de estímulos gerados no meio social em que se manifestou.

O conhecimento da reencarnação facilita grandemente o trabalho de evangelização por conscientizar o evangelizador de que a criança a quem deve passar os nobres conceitos da Doutrina Espírita é um Espírito imortal, que já escreveu inúmeras páginas no livro da vida, páginas essas que constituem a sua bagagem pessoal. Ao retornar à Terra, um Espírito de mediana evolução, experimenta um verdadeiro confronto do seu acervo intelecto-moral com os estímulos, positivos ou negativos, do meio social que o acolhe nessa nova experiência.

Tendo consciência dessa realidade, o evangelizador compreenderá as diferentes reações individuais observadas em crianças de uma mesma faixa etária, de uma mesma família, mesmo no caso de gêmeos. Com essa visão, estará, o evangelizador, preparado a diversificar seu discurso, adequando-o – não quanto ao conteúdo, mas quanto à forma – às reações mais diversas, porque as informações passadas ao evangelizando vão, inexoravelmente, confrontar-se com a bagagem que ele traz, do seu passado próximo ou remoto.

Dá a necessidade de se levar à criança, o mais cedo possível, os esclarecimentos e os estímulos que o Espiritismo propicia, nessa fase em que ela está mais acessível, quando o seu passado ainda está bem adormecido. Nessa oportunidade, é possível levar-lhe ensinamentos novos, que não encontrarão maior resistência para serem gravados de modo indelével na sua consciência. Esses conceitos poderão ser deixados de lado na adolescência ou na juventude, mas um dia, ainda nesta encarnação ou no Mundo Espiritual por certo ressurgirão, oferecendo um direcionamento ao Espírito que se desencaminhou.

O educador verdadeiramente espírita estará sempre preparado para reações variadas, e até adversas, da parte dos evangelizados – e elas serão cada vez mais evidentes, à medida que aumentem em idade. Muitos Espíritos só deixarão de reagir negativamente mais tarde – em época que varia muito –, quando, mais amadurecidos, talvez até com o concurso da dor, fizerem germinar as sementes recebidas com os risos da infância, não raro, infelizmente, agora umedecidas pelas lágrimas.

Módulo II

A prática pedagógica nas diferentes etapas do desenvolvimento da criança

AFETIVIDADE E CONCENTRAÇÃO (faixa etária de 03 a 05 anos)

"Toda corrigenda, antes que se exprima em palavras, há de vazar-se em amor para que a vida se eleve."

Emmanuel¹

1 - "Sentir para entender"

Na obra Educadores do Coração, Walter Barcelos assinala que apenas "conheceremos a personalidade de alguém, se conseguirmos relacionar e interagir de alma e coração com essa pessoa por um determinado tempo". Chama nossa atenção, neste fragmento, a observação de Barcelos no sentido de que para conhecer bem o outro não basta tão-somente doação de tempo, mas também de amor. Isto significa perceber o outro com um olhar despido de ansiedade, repleto de tranquilidade no modo de ver.

Envolvidos por esse ideal, estaremos construindo em torno de nós um ambiente de afetividade, cujo enquadre será o de conhecermo-nos através do outro. O papel da alteridade torna-se, então, relevante, uma vez que, a partir de um ambiente amoroso, fraterno, aprendemos mais sobre nós mesmos e, por conseguinte, como melhor conviver com o outro.

No clima da evangelização infantil, tal orientação adquire um matiz ainda mais especial, se entendermos que a criança necessita de um entorno que lhe possibilite sentir e viver afetividade, a fim de que possa, mais para frente, conjugar razão e coração, sem pender estritamente para o intelectualismo frio.

Sobre afetividade, registramos abaixo alguns fragmentos que esperamos, possam contribuir para uma meditação mais acurada a respeito do tema.

* * * * *

"O amor é de essência divina, e, desde o primeiro até o último, possuis no fundo do coração a chama desse fogo sagrado. É um fato que pudestes constatar muitas vezes; o homem mais abjeto, o mais vil, o mais criminoso, tem por um ser, ou por um objeto qualquer, uma afeição viva e ardente, à prova de tudo que tendesse a diminuí-la, e atingindo freqüentemente, proporções sublimes."

ESE - (1)

¹ XAVIER, Francisco Cândido. Religião dos Espíritos. Cap. 19m("Corrigir"). Pelo Espírito Emmanuel.

"Os efeitos da lei de amor são o aperfeiçoamento moral da raça humana e a felicidade durante a vida terrestre. Os mais rebeldes e os mais viciosos deverão se reformar quando virem os benefícios produzidos por esta prática..." ESE - (1)

"Estender o coração pelas mãos vale mais que estender as idéias através da boca."

Emmanuel. - (2)

"O coração que compreende e ajuda, supera em grandeza a inteligência que estuda e ensina." Emmanuel - (2)

"Na infância, o ser humano passa por um processo de reconstrução da razão. Em contato com o mundo exterior, sua inteligência vai se recompondo e se reorganizando, para se manifestar no corpo – este novo instrumento físico à sua disposição. [...] Enquanto, pois, a razão se reestrutura, interagindo com o mundo concreto, servindo-se dos sentidos físicos, como ponto de apoio, a criança é predominantemente sentimento. [...] Ela se comunica com o meio, principalmente pela afetividade."

Nesse processo, revela-se a Sabedoria Divina: sendo a lei do amor a mais importante lei da vida, em cujo eixo gravitam todas as coisas, Deus nos dá a oportunidade de exercitá-la mais livremente durante a infância, enquanto a nossa razão desperta aos poucos. Além disso, a influência que a criança recebe durante esse período é sobretudo no campo afetivo e assim deve ser, pois quando a razão estiver plenamente reconstruída pode encontrar uma base de sentimentos puros, para iluminá-la." Dora Incontri - (3)

"A única forma digna e nobre de corresponder à confiança natural da infância é o amor sincero; o exemplo elevado e a franqueza cristalina. A influência do contato humano na Educação é tão vital, que, se for eficaz, pode mesmo neutralizar os efeitos negativos dos meios de comunicação." Dora Incontri - (3)

"Só se pode educar, de fato, conhecendo o educando. A criança não dissimula de modo próprio aquilo que ela é. Ela deve encontrar um ambiente acolhedor e pessoas que procurem melhorá-la, sem acabar com sua individualidade." Dora Incontri - (3)

"... não se ensina a amar através de ensinamentos teóricos. O egoísta, o que não dá de si mesmo, não sabe o que é amor, por melhores sejam as definições a respeito. No campo do sentimento é preciso sentir." Walter Oliveira Alves - (4)

"Ao vibrarmos amor, nosso sentimento atinge as criaturas que nos cercam, envolvendo-nos em energia superior, que lhes aquece o "germe" divino, propiciando condições para o seu desabro-

char. Eis a função principal do educador: acordar na criança o germe que ela já possui, auxiliando o seu desenvolvimento. Para isso, o próprio educador precisa vibrar em níveis cada vez mais elevados, criando condições para que o educando também aprenda a vibrar de forma superior, ou seja, a amar." Walter Oliveira Alves - (4)

"As emoções das pessoas raramente são postas em palavras; com muito mais frequência são expressas sob outras formas. A chave para que possamos entender os sentimentos dos outros está em nossa capacidade de interpretar canais não-verbais: o tom de voz, gestos, expressão facial e outros sinais." Daniel Goleman - (5)

2 - "Concentrar-se para aprender"

"Apenas atendendo à estrutura real da mente humana, para realização da aprendizagem, será possível obter a concentração espontânea, indispensável ao processo de crescimento cognitivo. De fato, para se aprender algo é preciso que a mente se volte com intensidade e exclusividade para a atividade intelectual em questão. A dispersão e a confusão mental são os maiores inimigos do desenvolvimento do intelecto. Mas exatamente essa concentração só se obtém pelo envolvimento total do indivíduo pelo assunto - coisa apenas possível se realizadas as condições anteriormente citadas.

O interesse subjetivo garante ao indivíduo a vontade de se esforçar e vencer obstáculos; o apelo a todas as faculdades, estéticas, emocionais, manuais, permite que ele esteja presente de corpo e alma no processo de aprendizagem e, por fim, a ligação do conhecer com o fazer, do conceito com a realidade, é o fio de lógica concreta, o fundamento sólido para a construção do conhecimento. Interessando-se, ele se concentrará. Globalmente envolvido, ele naturalmente não se dispersará. Baseado na observação do real, sua mente não pode se confundir." Dora Incontri (6)

BIBLIOGRAFIA:

- (1) *Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. XI.
- (2) *Dicionário da Alma*, cap. "Coração". F.C. Xavier - Espíritos Diversos/Ed. FEB.
- (3) *Educação Segundo o Espiritismo*, cap. XI/Ed. FEESP.
- (4) *Educação do Espírito - introdução à pedagogia espírita*, cap. 12/ Ed. IDE.
- (5) *Inteligência emocional*, cap. 7 - "As origens da empatia"./Ed. Objetiva.
- (6) *Educação Segundo o Espiritismo*, cap. XVII./Ed. FEESP.

A REVISTA DO PROFESSOR

NOVA

escola

Memória não é decoreba

- Como o cérebro funciona
- Como estimular seus alunos a aprender mais e melhor

Matemática

Um jeito eficiente de ensinar o sistema decimal (desde as primeiras séries)

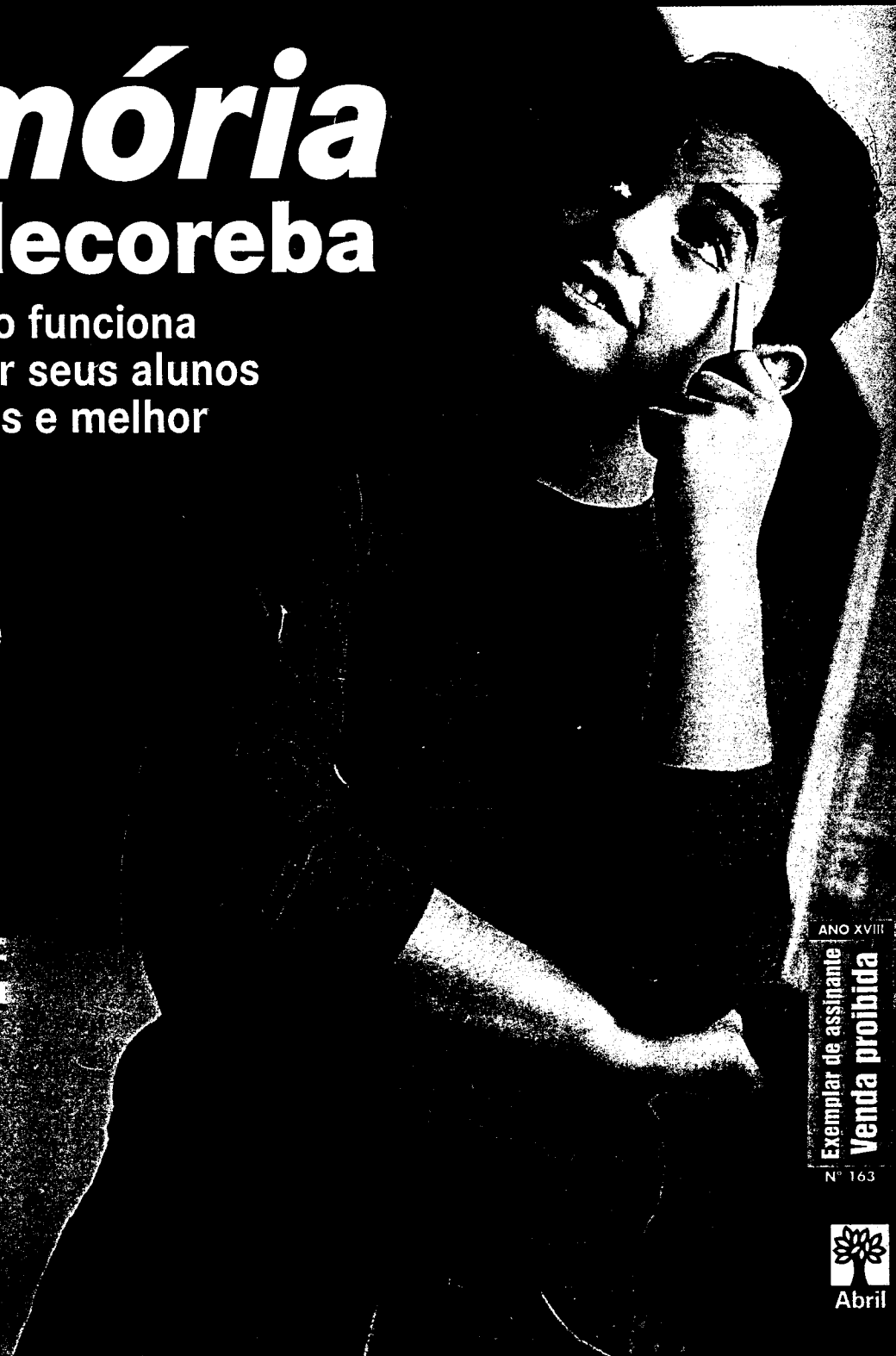
Diploma

Entenda o que diz a lei e garanta um emprego melhor

Professor

Nota 10

Inscreva-se e concorra a 17 500 reais



ANO XVIII

Exemplar de assinante

Venda proibida

Nº 163



Abril

Capa

9

Lembre-se: sem memória não há aprendizagem



Conhecendo como o cérebro guarda informações você vai ajudar os alunos a fixar os conteúdos estudados em classe

Paola Gentile

Durante séculos, na escola, memorizar foi sinônimo de decorar nomes, datas e fórmulas. Afinal, eram esses os conhecimentos sempre exigidos nas provas, nas chamadas e nos testes. Com base nos estudos sobre o processo de aprendizagem da criança, concluiu-se que a decoreba era inimiga da educação. E a memória – confundida com repetição – foi posta de castigo.

Um grande erro. A memória é a base de todo o saber – e, por que não dizer, de toda a existência humana, desde o nascimento. Como tal, deve ser trabalhada e estimulada. “É ela que dá

significado ao cotidiano e nos permite acumular experiências para utilizar durante toda a vida”, afirma a psicóloga e antropóloga Elvira Souza Lima, especialista em desenvolvimento humano.

Nos últimos 20 anos, a neurociência avançou muito nas descobertas sobre o funcionamento do cérebro. Hoje sabe-se o que acontece quando ele está captando, analisando e transformando estímulos em conhecimento e o que ocorre nas células nervosas quando elas são requisitadas a se lembrar do que já foi aprendido. “Com isso o professor pode aprimorar suas estratégias de ensino”, diz o neuropsiquiatra Everton Sougey, coordenador do curso de pós-graduação em Neuropsicologia da Universidade Federal de Pernambuco. Estão provadas, por exemplo, as vantagens de estabelecer ligações com o conhecimento prévio do aluno ao introduzir um novo assunto e de trabalhar também a emoção em sala de aula. O cérebro responde positivamente a essas situações, ajudando a fixar não somente fatos, mas também conceitos e procedimentos.

Teoria

“Somos aquilo que recordamos”, conceitua Iván Izquierdo, professor de Neuroquímica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ele dá um exemplo: nenhum texto

é compreendido se não se lembra o significado das palavras e a estrutura do idioma utilizado. Tudo isso precisa estar registrado no cérebro para ser resgatado no momento oportuno. A memória, enfatiza Elvira Lima, é a reprodução mental das experiências captadas pelo corpo por meio dos movimentos e dos sentidos. Essas representações são evocadas na hora de executar atividades, tomar decisões e resolver problemas, na escola e na vida.

O valor do conhecimento prévio

Quando assiste aula, o estudante recebe informações de todo tipo, tanto visuais como auditivas. Elas se transformam em estímulos para o cérebro e circulam pelo córtex cerebral antes de serem arquivadas ou descartadas (leia *infográfico nas pág. 44 e 45*). Sempre que encontram um arquivo já formado (o tal conhecimento prévio) arrumam um “gancho” para o seu armazenamento, fazendo com que no futuro ela seja resgatada mais facilmente. “É como se o recém-chegado fosse morar em uma nova casa, mas em rua conhecida”, ilustra Elvira Lima. Quando essa informação é resgatada da memória, trilha os mais variados caminhos. Se eles já tiverem sido percorridos anteriormente, a recuperação de conhecimentos será simples e rápida. O que não tem nada a ver com decoreba.

“Se o estudante não aprende um conteúdo é porque não encontrou nenhuma referência nos arquivos já formados para abrigar a nova informação e, com isso, a aprendizagem não ocorreu. Não adianta insistir no mesmo tipo de explicação”, ressalta a neuropsicóloga Leila Vasconcelos, da Universidade Federal de Pernambuco. Cabe ao professor oferecer outras conexões. Como? Usando abordagens diferentes e estimulando outros sentidos. Daí a importância de investigar os conhecimentos prévios da turma, recordar conteúdos de aulas anteriores, para formar os “ganchos”, e dispor de diferentes estratégias de ensino. ▶

Capa

Criando elaborações mentais

O cérebro funciona em módulos cooperativos, que se ajudam na hora de recuperar informações. Quanto mais caminhos levarem a elas, mais fácil será o “resgate”. Exemplo: se um conceito estiver conectado simultaneamente a uma imagem e a um som, pelo menos três áreas diferentes do cérebro trabalharão para recuperá-lo. Por isso, inventar uma imagem simbólica – associar conceitos a formas, palavras a sons, cores a significados e assim por diante – é um hábito extremamente saudável. “Sair do concreto faz com que determinada informação seja guardada sob várias chaves, como se fossem fichas de armazenamento, facilitando a consulta”, destaca Jiitka Soskova, psicóloga checa especialista em inteligência artificial. As fórmulas mnemônicas (criação de letra para música conhecida, versinhos rimados, frases engraçadas) são outros exemplos de associações que levam à memorização. Ofereça esses mecanismos e estimule cada aluno a criar as próprias associações para os conteúdos que devem ser armazenados.

O papel da emoção

Os sentimentos regulam e estimulam a formação e a evocação de memórias. São eles que provocam a produção e a interação de hormônios, fazendo com que os estímulos nervosos circulem mais nos neurônios. Graças a esse fenômeno cerebral é mais fácil para uma criança lembrar-se do processo de fotossíntese se ligar esse conteúdo de Ciências a uma planta que tem em casa ou à árvore em que costuma subir quando está em férias na casa da vovó.

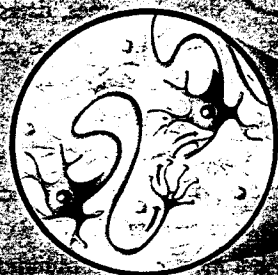
Memória inconsciente

Algumas lembranças ficam “escondidas” porque estamos expostos a mais informações do que conseguimos guardar. Aparentemente perdidas, elas ficam num lugar do cérebro chamado inconsciente. Ninguém sabe explicar exatamente por que, mas elas voltam à consciência sem que o indivíduo controle. Pesquisas mostram que isso sempre ocorre em alguma circunstância especial, quando algum fato ou informação evoca lembranças que se julgavam perdidas. ▶

Como se forma a memória

Mais conexões, mais memória

A informação captada transita pelos neurônios, células nervosas semelhantes a árvores sem folhas: os galhos seriam os dendritos; o tronco, o axônio; e as raízes, os terminais pré-sinápticos. Eles criam emaranhados de caminhos que se orientam em diversas direções. Quando os galhos de uma célula encontram-se com as raízes de outra forma-se uma sinapse, local de comunicação entre os neurônios e unidade elementar de armazenamento da memória. Lá acontece síntese de proteínas, trocas elétricas e ativação de genes que provocam o armazenamento da informação. Quanto mais conexões, mais memória. Cada neurônio pode se comunicar com até outros mil. Como o ser humano tem de 10 bilhões a 100 bilhões dessas células, é possível haver até 100 trilhões de conexões sinápticas.



Informação visual

Uma imagem, por exemplo, é captada pelos olhos e segue pelo nervo óptico – formado por neurônios – até a parte posterior do cérebro, chamada occipital. Ela é desmembrada em formas, cores, movimentos e outros dados que a compõem. Dali essas informações espalham-se pelas áreas vizinhas, na procura de outra informação correlata. Encontrando essa referência, surge um novo arquivo que vai para o hipocampo para depois ser armazenado no cérebro.

ESQUECER PARA LEMBRAR

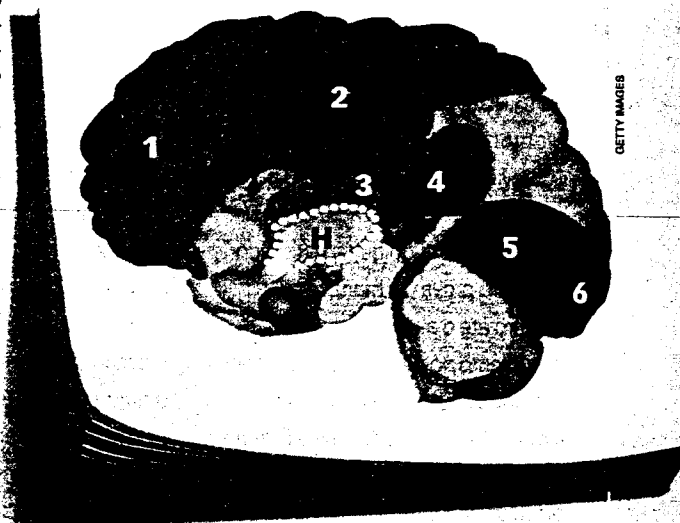
O esquecimento (de fato) é o descarte de algo pouco importante que só serve para sobrecarregar os mecanismos de memorização. É fundamental no processo de aprendizagem, porque deixa o caminho livre para que as informações e conteúdos fundamentais sejam arquivados. Uma pessoa que conhece os conceitos de presidencialismo e parlamentarismo (importante) pode explicar a diferença entre os dois a qualquer interlocutor em qualquer momento de sua vida, mas provavelmente jamais se lembrará do dia em que aprendeu isso nem da roupa que o professor usava na hora em que o assunto foi discutido em classe (pouco importante). O cérebro jogou fora detalhes, mas o conhecimento foi arquivado e depois conectado com outras informações correlatas, formando novos arquivos.

Um arquivo organizado

O cérebro é dividido por uma fenda em dois hemisférios, que são segmentados em lobos, regiões demarcadas sem muita nitidez. As informações captadas pela visão, pela audição, pelo olfato, pelo paladar e pelo tato provocam impulsos elétricos e reações químicas em lobos diferentes e não são guardadas da maneira como foram captadas. Elas são fragmentadas, classificadas e hierarquizadas. Para se ter uma idéia de como o cérebro se organiza, podemos visualizar na ilustração ao lado:

1. elaborações mentais sofisticadas, como o planejamento, o julgamento e a decisão;
2. dados sobre movimentos corporais, tato, orientação espacial e análise sensorial;
3. informações olfativas;
4. linguagem, leitura e fala;
5. informações auditivas;
6. estímulos e associações visuais.

Paulo Caramelli, especialista em neurologia cognitiva do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo, explica que tanto novas informações quanto as já armazenadas, depois de conectadas e reelaboradas, passam obrigatoriamente pelo hipocampo (H), estrutura que fica sob os dois hemisférios. De lá as informações são espalhadas por toda a superfície do cérebro, o córtex. A classificação e o armazenamento de informações são tão específicos a ponto de, dentro do "arquivo" linguagem, uma "pasta" guardar verbos; outra, substantivos, e assim por diante.



Uma rede bem montada

Sempre que você oferecer informações de diferentes naturezas sobre um mesmo conteúdo, estará ajudando o aluno a formar um aprendizado e um conhecimento que poderá durar por toda a vida. Fornecendo imagens, sons, a possibilidade de usar o corpo em movimentos e produzindo emoções, diversas partes do cérebro serão ativadas quando esse conteúdo precisar ser resgatado, tornando a sua lembrança mais fácil. E ao unir esse conteúdo a um conhecimento prévio, serão traçados vários caminhos que tornarão o aprendizado mais eficaz.



Tipos de memória

Acredita-se existirem tantas memórias quantas forem as experiências acumuladas e, com isso, a capacidade de armazenamento de informações seria imensa. Aqui vamos falar apenas da capacidade geral do homem de captar, armazenar e se lembrar de informações. Por isso, grosso modo, a memória pode ser classificada da seguinte maneira:

1. Pela sua duração

Memória de curto prazo

Sobrevive o tempo necessário para a informação ser utilizada. Exemplo: qualquer conteúdo que é decorado para uma prova permanece no cérebro até o aluno entregar o documento ao professor. Se ele tiver boa nota, talvez nunca mais se lembre do que estudou. Não forma arquivos. Só vira memória de longo prazo se encontrar vínculo com outra informação já armazenada ou pela repetição.

Memória de longo prazo

Fica mais tempo no cérebro e é aquela que todo professor gostaria de fomentar em seus alunos. Quando dura anos, vira memória remota. Uma informação permanece no cérebro porque, quando foi apreendida, seus estímulos geraram novas sinapses, desencadearam síntese de proteínas, ativaram genes e provocaram a sua consolidação como conhecimento apreendido.

2. Pelo seu conteúdo

Memória declarativa

A episódica ou autobiográfica

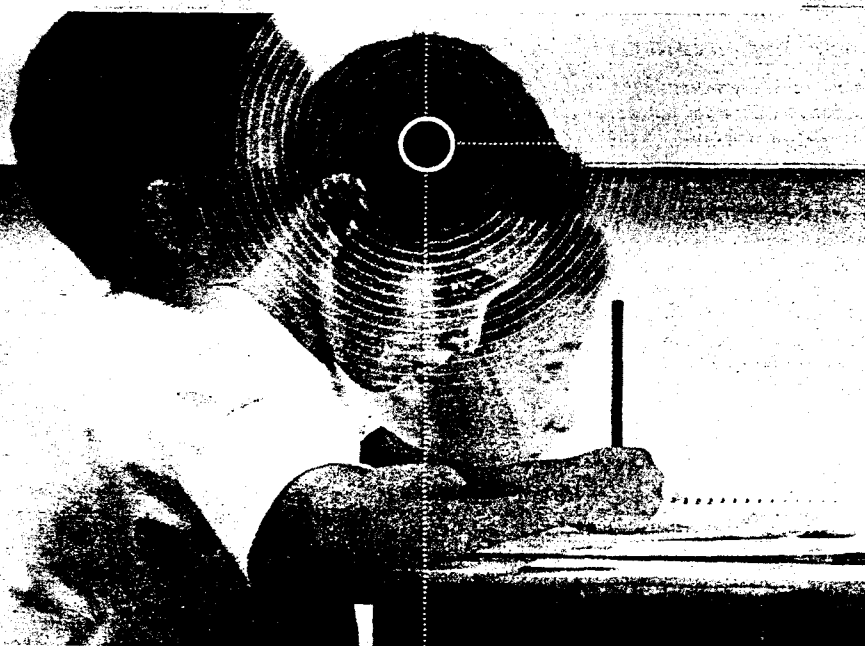
guarda os fatos vividos pelo indivíduo, como o primeiro encontro com a pessoa amada ou uma aula especial, em que algo inusitado tenha acontecido (um teatrinho, show ou uma situação que despertou algum tipo de emoção no aluno).

A **semântica** – a mais importante durante o aprendizado – arquiva os conhecimentos gerais, como o significado de palavras e conceitos.

Memória de procedimentos

É composta pelas habilidades motoras ou sensoriais. Como andar de bicicleta ou a maneira de proceder diante de determinadas experiências realizadas na escola.

Muitas vezes, pela observação e pelo treinamento, esses conhecimentos são arquivados de maneira implícita, sem que haja consciência do aprendizado.



A memória de trabalho ou ativa

Não se encaixa em nenhuma das categorias anteriores. É assim chamada por analogia com a memória dos computadores. Iván Izquierdo define-a como "gerenciadora da realidade": ela conecta as informações da memória de curto prazo com as já arquivadas para

comparar, analisar, decidir ou não abrir um novo arquivo. Ele dá o exemplo: conservamos na consciência algumas palavras utilizadas no início desta frase somente para compreender o significado da sentença. Depois esquecemos o termo exato, mas conservamos na memória a idéia principal. É também

aquela que o aluno usa ao receber suas instruções antes de realizar uma atividade, ao recordar as orientações no momento da execução. Essa memória usa as capacidades do córtex pré-frontal do cérebro, lugar das chamadas funções cerebrais superiores, como a tomada de decisão, a análise crítica, o julgamento.

Entenda o cérebro e ensine melhor

Ao conhecer o funcionamento da memória, você pode planejar ações para ajudar a turma a armazenar e evocar conhecimentos. **Confira algumas estratégias:**

► **Estabelecer relações** entre novos conteúdos e aprendizados anteriores faz com que o caminho daquela informação seja percorrido novamente (evocação), tornando mais fácil seu reconhecimento.

► **Criar elaborações mentais** envolvendo recursos como sons, imagens, fantasias, significados e (por que não?) humor permite que várias áreas do cérebro trabalhem simultaneamente no resgate de informações e estimula a memória.



► **Utilizar gráficos, diagramas, tabelas e organogramas** para classificar as informações faz com que o cérebro tenha mais facilidade para armazená-las e, portanto, resgata-as com mais facilidade.

► **Reservar os últimos minutos da aula para conversar** sobre o conteúdo estudado possibilita que o novo conhecimento percorra mais uma vez o caminho no cérebro dos estudantes. Assim, eles fazem uma releitura do que aprenderam.

► **Usar brincadeiras, dramatizações ou jogos** para levar emoção à classe favorece a aprendizagem. Isso só funciona se houver relação entre o conteúdo e a situação lúdica.

A EVOLUÇÃO VEM COM A IDADE

Até os 9 meses, o bebê já tem praticamente a quantidade definitiva de neurônios. São raras as pessoas que se lembram de fatos ocorridos antes dos 4 anos de idade. Nos primeiros anos de vida, os dois hemisférios cerebrais ainda não estão totalmente formados e os feixes de neurônios que fazem a comunicação entre o lado esquerdo e o direito ainda não foram consolidados. Nem todo mundo se desenvolve exatamente do mesmo jeito, mas pode-se dizer que, em geral, até os 7 anos a memória visual é mais dinâmica – daí por que o desenho deve ser bastante utilizado nessa fase. Se for bem estimulada, por volta dos 9 ou 10 anos a criança começa a usar o raciocínio abstrato – e o material pedagógico deixa de ser tão útil na ativação da memória. Segundo Mel

Levine, pediatra e professor da Universidade da Carolina do Norte, nos Estados Unidos, é nessa idade que se constroem os padrões e as regras que permitirão reconhecer dados semelhantes. Depois dos 13 ou 14 anos é hora de aprimorar as habilidades matemáticas e de leitura e escrita, pois elas podem ser resgatadas da memória automaticamente. Nos adolescentes, a informação circula em altíssima velocidade no cérebro – cada hemisfério sabe o que o outro guarda e faz. A maioria dos estudantes é capaz de criar estratégias próprias para armazenar dados, estabelecendo relações com sua vida, suas fantasias e seus conhecimentos prévios. Por volta dos 70 anos, quando não é estimulada, a memória pode começar a falhar em algumas pessoas.



A memória no tempo

Mnemósine foi a deusa escolhida por Zeus para ser a mãe das musas do conhecimento. Caliope (poesia), Clio (história), Polímnia (retórica), Euterpe (música), Terpsícore (dança), Érato (lírica coral), Melpômene (tragédia), Tália (comédia) e Urânia (astrologia). Com os escritos de Paros, descobertos no século 17, soube-se que o poeta grego Simônides era um especialista em memorizar. Único sobrevivente de um desmoronamento, durante um banquete, ele identificou os corpos das vítimas lembrando-se do local onde cada uma estava sentada. Na Idade Média, a mnemotécnica era utilizada pelos universitários para decorar nomes dos reis e períodos de governos. Assim essa capacidade mental, relacionada a repetições, foi estigmatizada como uma das barreiras para a verdadeira aprendizagem. Nos últimos 20 anos, pesquisas apontaram a existência de vários tipos de memória, todas elas essenciais na aquisição do conhecimento.

Quer saber mais?

Educação Individualizada, Mel Levine, 343 págs., Ed. Campus, tel. (0__21) 3970-9300, 69 reais

Desenvolvimento e Aprendizagem na Escola - Aspectos Culturais, Neurológicos e Psicológicos, Elvira Souza Lima, 32 págs., Ed. Sobradinho 107,

tel. (0__11) 5083-6043, 4 reais

Memória, Iván Izquierdo, 95 págs., Ed. Artmed, tel. 0800 703-3444, 22 reais
Memória - Da Mente às Moléculas, Larry R. Squire e Eric R. Kandel, 251 págs., Ed. Artmed, 96 reais

A Memória - Do Cérebro à Escola, Alain Lieury, 110 págs., Ed. Ática, tel. (0__11) 278-9322, 9,90 reais

INTERESSE E DISCIPLINA (faixa etária de 06 a 08 anos)

Considerando as características psicológicas da criança na faixa etária de 06 a 08 anos e conhecedores da importância de se estar sempre atento a essas características no relacionamento e-vangelizador / evangelizando, passaremos a analisar a questão do **interesse e da disciplina**.

Vejamos o que nos leciona a educadora espírita Dora Incontri em A Educação segundo o Espiritismo, cap. XVII:

“Aprende-se de fato aquilo por que se tem interesse. O interesse pode nascer da necessidade, ser espontâneo ou estimulado e pode se radicar em diferentes aspectos do indivíduo. O interesse por necessidade é fruto das contingências e circunstâncias. Os interesses inatos são herança de gostos e conhecimentos já desenvolvidos em outras vidas. E outros podem advir da presente influência familiar ou social.

... o indivíduo só aprende algo se sentir a necessidade daquele conhecimento ou se este estiver ligado a uma experiência concreta, afetiva, psicológica com forte significado para ele. Do contrário, não se dá a aprendizagem, mas apenas a fixação de algo vazio de sentido, que logo em seguida desaparecerá da memória, sem deixar marcas.

É preciso aproveitar interesses já existentes, indicar necessidades, despertar desejos e vontades e centrar o trabalho pedagógico muito mais na motivação do que no conteúdo. O ser humano, em qualquer idade, entusiasmado, interessado, motivado, pesquisa, procura, aprende por conta própria.”

Ainda em A Educação segundo o Espiritismo, cap. XI, Dora fala especificamente do interesse na infância:

“O amortecimento de todos os conhecimentos que traz do passado e a necessidade de se integrar novamente no mundo – o que só pode fazer adquirindo domínio sobre as coisas, conhecendo-as – faz com que a criança tenha uma curiosidade viva e um interesse natural em aprender. Sem essa mola propulsora, ela não se desenvolveria. A inteligência infantil vive em estado de alerta, sempre em busca de algo. É verdade que dependendo do grau evolutivo do Espírito encarnado, esta condição vai ser mais ou menos acentuada. Os estímulos do ambiente ou a ausência deles também contribuem imensamente para avivar ou abafar essa tendência natural. Em meios culturalmente mais pobres e apáticos, as crianças vão se revelar menos curiosas e mais pacatas intelectualmente. Em meios mais estimulantes, a criança terá a mente mais desperta.

Guardando, porém, as devidas nuances por conta dessas influências do próprio Espírito e do meio em que está encarnado, as crianças, em geral, precisam e querem aprender, para crescer. Essa necessidade se manifesta na sua capacidade de formular perguntas, de observar as coisas sob aspectos diferentes daqueles que estamos acostumados a observar, de usar todos os sentidos para captar o mundo exterior.

Ocorre que essa curiosidade instintiva da criança, que deveria ser a base para toda a sua aprendizagem e desenvolvimento é, ao contrário, abafada e desviada, a ponto de se perder com o tempo. Suas perguntas incomodam e irritam os adultos e não são orientadas para a formação de seu raciocínio lógico e do seu espírito filosófico. Sua vontade de tocar, de ver, de experimentar não é aproveitada e canalizada para o desenvolvimento do espírito científico, mas proibida e reprimida por todos os meios, oferecendo-se-lhe apenas um ensino passivo e teórico. E sua admiração pelas

coisas, que poderia servir para nela fazer desabrochar o sentimento de reverência e religiosidade perante o universo, é desencantada por um ensino frio e materialista.”

Retornando ao capítulo XVII da obra citada, Dora nos esclarece em como o **interesse** gera a **disciplina**:

“O interesse subjetivo garante ao indivíduo a vontade de se esforçar e vencer obstáculos: o apelo a todas as suas faculdades, estéticas, emocionais, manuais, permite que ele esteja presente de corpo e alma no processo de aprendizagem e, por fim, a ligação do conhecer com o fazer, do conceito com a realidade, é o fio de lógica concreta, o fundamento sólido para a construção do conhecimento. Interessando-se, ele se concentrará. Globalmente envolvido, ele naturalmente não se dispersará....

Tudo isso fará brotar uma **disciplina** espontânea, não imposta de fora para dentro, mas condição necessária do próprio indivíduo que deseja aprender. ...O desinteresse, a dispersão mental provocam a manifestação da confusão exterior.

Não que disciplina deva ser aquela ordem militar, rígida e inóspita de antigamente. A aprendizagem autônoma, entusiástica, engajada, pode inclusive aparentar uma desordem externa. Mede-se a verdadeira disciplina pelos frutos produtivos. **A disciplina real é a da mente que produz.** Não importa até se durante o processo de produção, o indivíduo desorganize um tanto o ambiente, troque idéias, rompendo o silêncio (que é geralmente considerado a maior manifestação de disciplina), se excite, se entusiasme... Muitas vezes a disciplina aparente, exterior, em que todos estão quietos, sentados e obedientes, pode esconder uma indisciplina e uma dispersão mental muito maiores. A mente vaga sem rumo, enquanto a boca se cala, por imposição externa.”

O BARRO DESOBEDIENTE

(Alvorada Cristã. Neio Lúcio / F.C.Xavier, cap. 29)

Houve um oleiro que chegou ao pátio de serviço e reparou com alegria em pequeno bloco de barro. Contemplou-o, enlevado, em face da cor viva com que se apresentava e falou:

– Vamos! Farei de ti delicado pote de laboratório. O analista alegrar-se-á com teu concurso valioso.

Imensamente surpreendido, porém, notou que o barro retrucava:

– Oh! não, não quero! Eu, num laboratório, tolerando precipitações químicas? Por favor, não me toques para semelhante fim!

O oleiro, espantado, considerou:

– Desejo dar-te forma por amor, não por ódio. Sofrerás o calor do forno para que te faças belo e útil... Entretanto, porque te recusas ao que proponho, transformar-te-ei numa caprichosa ânfora destinada a depósito de perfumes.

– Oh! nunca! nunca!... – exclamou o barro – isto não! Não estou inclinado a suportar essências, através de peregrinações pelos móveis de luxo.

O dono do serviço meditou muito na desobediência da lama orgulhosa, mas, entendendo que tudo devia fazer por não trair a confiança do Céu, ponderou:

– Bem, converter-te-ei, então, num prato honrado e robusto. Comparecerás à mesa de meu lar. Ficarás conosco e serás companheiro de meus filhinhos.

– Jamais! – bradou o barro, na indisciplina – isto seria pesada humilhação... Transportar arroz cozido e agüentar caldos gordurosos na face? Assistir, inerte, às cenas de glotonaria em tua casa? Não, não me submetas!...

O trabalhador dedicado perdoou-lhe a ofensa e acrescentou:

– Modificaremos o programa ainda uma vez. Serás um vaso amigo, em que a límpida água repousa. Ajudarás aos sedentos que se aproximarem de ti. Muita gente abençoar-te-á a cooperação. Despertarás o contentamento e a gratidão nas criaturas!...

– Não, não! – protestou a argila – não quero! Seria condenar-me a tempo indefinido nas cantoneiras poeirentas ou nas salas escuras de pessoas desclassificadas. Por favor, poupa-me! Poupa-me!...

O oleiro cuidadoso considerou, preocupado:

– Que será de ti quando te conduzirem ao forno? Não passarás de matéria endurecida e informe, sem qualquer utilidade ou beleza. Sem sacrifício e sem disciplina, ninguém se eleva aos planos da vida superior.

O barro, todavia, recusou a advertência, bradando:

– Não aceito sacrifício, nem disciplina...

Antes que pudesse prosseguir, passou o enforador arrebanhando a argila pronta, e o barro desobediente foi também conduzido ao forno em brasa.

Decorrido algum tempo, a lama vaidosa foi retirada e – ó surpresa! – não era pote de laboratório, nem ânfora de perfume, nem prato de refeição, nem vaso para água e, sim, feio pedaço de terra requeimada e morta, sem qualquer significação, sendo imediatamente atirada ao pântano.

Assim acontece a muitas criaturas no mundo. Revoltam-se contra a vontade soberana do Senhor que as convida ao trabalho de aperfeiçoamento, mas, depois de levadas pela experiência ao forno da morte, se transformam em verdadeiros fantasmas de desilusão e sofrimento, necessitando de longo tempo para retornarem às bênçãos da vida mais nobre.

A PARÁBOLA DA OVELHA PERDIDA

(Mt, 18: 12 - 14) (Lc, 15: 1 - 10)

“Que vos parece? Se um homem tem cem ovelhas e uma delas se extravia, não deixa as noventa e nove nos montes e vai procurar a que se extraviou? E se acontecer achá-la, em verdade vos digo que se regozija mais por causa desta, do que pelas noventa e nove que não se extraviaram. Assim não é da vontade do vosso Pai que está nos Céus que pereça nenhum desses pequeninos.”

SÍNTESE DOS ENSINOS DA PARÁBOLA DA OVELHA PERDIDA E DO TEXTO O BARRO DESOBEDIENTE

A Parábola, o texto do Barro Desobediente e o Evangelizador:

Ao ministrar a aula, o evangelizador deverá estar, sempre, revestido de boa vontade e alegria, no serviço de cooperação com Jesus.

A parábola mostra claramente que nenhum dos filhos de Deus se perderá e, assim procederá o evangelizador no trabalho com os pequeninos; diante daquela criança difícil, indisciplinada, esforços serão envidados para despertar o interesse natural que ela possui para aprender.

O evangelizador que quiser ler mais sobre a disciplina, nas apostilas do CUPEN / 2001 ou 2002 encontrará rico material de suporte e, na apostila de “Técnicas” a ser distribuída pelo DEC, detalhes sobre “Como se fazer o CONTRATADO ou COMBINADO” muito ajudarão na questão da disciplina.

Concluindo, o evangelizador é um servidor de Jesus. Dessa forma, deverá estar sempre em sintonia com os planos espirituais de nosso Mestre e Senhor, cultivando o “orai e vigiai”, na prece que o ligará ao seu protetor espiritual.

CONFLITOS (faixa etária de 9 a 12 anos)

Considerações iniciais

Informa-nos a DE que os laços reencarnatórios se consolidam por volta dos 7 anos de idade, quando o Espírito, melhor dominando o corpo que lhe serve de instrumento, recobra paulatinamente o acervo passado, a se manifestar em tendências e vocações cada vez mais pronunciadas.

Esclarece-nos ainda o Espiritismo que: (1) todos trazemos, em germe, as virtudes que, desabrochadas, se nos constituem a perfeição para a qual fomos criados; (2) o desenvolvimento desse germe se faz através das experiências vivenciadas pelo Espírito, impulsionado pela “força de progredir”, no uso da vontade, com o auxílio do tempo, e nas circunstâncias forjadas pelo uso do livre arbítrio e balizadas pelas Leis Divinas; (3) na vivência de experiências primitivas e no uso do livre arbítrio muitas vezes nos comprometemos com o erro, fixando no perispírito disposições inferiores que se nos gravam em forma de “matrizes indutoras de desequilíbrios”, em maior ou menor intensidade, requerendo esforços persistentes para sua erradicação, esforços que podem se estender a várias reencarnações; (4) é da Divina Lei que todos progridam, que todos alcancem a perfeição relativa a que nos destinamos, de modo que a inferioridade será sempre vencida e o erro consertado, através das experiências que nos desenvolvem o raciocínio, das escolhas felizes conscientemente, ou da dor que nos impele a reajustar as disposições equivocadas da alma.

Conflitos

Com a revelação da inteligência na multiplicidade das experiências vividas, ampliam-se o discernimento e a liberdade da criatura (**O Livro dos Espíritos**, q. 120 a 122 e **Sendas Luminosas** - Joanna de Ângelis / Divaldo Franco, cap. 29).

Às vezes erramos por desconhecer, numa experiência natural do processo de aprendizado, e nos corrigimos ao identificar a reação negativa da ação perpetrada. Às vezes nos comprazemos no erro e, mesmo aí, dia virá em que o arrependimento será o 1º passo para nos lançarmos à correção.

Diz-nos Joanna de Ângelis no cap. 37 da obra **Luz da Esperança** (Joanna de Ângelis / Divaldo Franco):

“O erro é uma experiência no processo de evolução em que todos nos encontramos situados. Não é justo, porém, a permanência nele.

Levantar-se, refazer o caminho constitui um dever intransferível para todos, mediante o qual se fixam os valores morais e intelectuais que ensejam a sabedoria e a libertação.”

À medida em que caminhamos no conhecimento e no auto-conhecimento, à medida em que a lei de Deus, ínsita na consciência, se nos vai desvelando ao discernimento, passamos a nos situar entre duas forças só aparentemente antagônicas: a *sombra*, consubstanciada no progresso não realizado e nos erros acumulados, e a *luz*, que se configura no permanente apelo evolutivo que conduz à efetivação da felicidade em nós. Forma-se então o que chamamos *conflito*, estendendo-se este a níveis diversos de expressão espiritual, psicológica, social, etc.

Identificarmos os pontos enfermos, de origem próxima ou remota, partindo para seu reajustamento, transformando dificuldades em material de ascensão, ou seja, caminharmos lúcida e decididamente do “chão para as estrelas”, eis a jornada construtora do Bem e libertadora da ignorância, do erro e da dor, que nos cabe empreender.

Paulo de Tarso, discorrendo lindamente sobre o peso que a inferioridade exerce nas aspirações superiores da alma, no cap. 7 da epístola aos romanos, versículos 19 e 20, assevera: “Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero, esse faço. Ora, se eu faço o que não quero, já não o faço eu, mas o pecado que habita em mim.”

Assim entendendo, cabe-nos estimular e amparar o juvenzinho em conflito, com ternura e firmeza, para: (1) uma nova compreensão da existência humana e seu objetivo; (2) a valorização do

auto-conhecimento, da auto-aceitação e aceitação do outro; (3) a compreensão da luta como fator essencial ao crescimento, e, sobretudo, (4) a entrega total ao Divino Amor, nele fortalecendo a vontade, a esperança, a confiança em si mesmo. Tudo isto ensejando-lhe vivências e convivências oportunizadoras, convenientemente planejadas, que serão o campo para seu aprendizado.

Como Jesus encaminhava a criatura para a superação de seus conflitos

Um extraordinário exemplo de como Jesus auxiliava as criaturas na superação de seus conflitos, ensejando a elas mesmas a construção de sua felicidade, sob o amparo de Deus, encontramos no cap. 10:25 a 37, do Evangelho segundo Lucas.

Jesus conversa com um doutor da lei (o homem conflitado entre o que sabia ser correto, mas que não conseguia realizar), o qual dEle indaga o que fazer para herdar a vida eterna.

Meditação, ainda que ligeira, sobre a conduta de Jesus ante alguém que percebe suas necessidades mas se intimida ante suas dificuldades, evidencia que o Senhor:

- não se scandaliza ou se espanta;
- dispõe-se a ouvir sem irritação e sem pressa e a auxiliar com bondade, respeitando o interlocutor;
- remete-o à análise do conhecimento que já possui (*que está escrito?*), induzindo-o à reflexão (*como lê?*)
- aprova o que já existe de positivo no entendimento e no sentimento do outro, estimulando-o à consolidação do bem pela aplicação prática do conhecimento;
- não se impacienta com a fragilidade do discípulo que desacredita em si mesmo e reluta em mudar, por isso agride, e repete o ensinamento de forma mais acessível e generosa (*conta a Parábola do Bom Samaritano*);
- verifica o grau de entendimento da mensagem (*qual dos três te parece que foi o próximo?*)
- volta a estimular a prática.

Naturalmente que, com a idade, quanto mais o Espírito se ajusta ao corpo que se lhe faz, paulatinamente, instrumento mais reflexivo e dócil ao comando mental, e consideradas as diversas influências que, de fora para dentro vão atuar sobre ele – ***não nos esqueçamos das influências espirituais!*** – assim como as influências do próprio organismo, ampliam-se os conflitos, às vezes fazendo do cotidiano um grande e tumultuado campo de batalha. E mecanismos psicológicos complexos podem deflagrar e sustentar uma instabilidade emocional onde pontificariam medo, ressentimento, vergonha, culpa, etc. em expressões comportamentais peculiares, desafiadores, desajustados.

O jovem se expressa quase sempre de maneira espontânea, enquanto o adulto, impelido por uma série de circunstâncias, exerce maior controle sobre a manifestação de sua realidade espiritual. Todavia, a luta pelo amadurecimento espiritual é de todos, e as palavras de Emmanuel que transcrevemos a seguir se aplicam a evangelizando e a evangelizadores.

“ Enquanto o homem se mantém no gelo da indiferença ou na inquietação da teimosia, não é chamado à análise pura; entretanto, tão logo desperta para a renovação, converte-se o campo íntimo em zona de batalha.

Contra a aspiração bruxuleante do bem, no dia que passa, levanta-se a pesada bagagem de sombras acumuladas em nossas almas desde os séculos transcorridos. Indispensável, portanto, grande serenidade e resistência de nossa parte, a fim de que o progresso alcançado não se perca.

O Senhor concede-nos a claridade de Hoje para esquecermos as trevas de Ontem, preparando-nos para o Amanhã, no rumo da luz imperecível.”

Encerrando estas anotações, concluímos, com Jesus, que, situados na seara bendita da evangelização, se sabemos o que fazer e como fazer, no amparo aos corações juvenis confiados à nossa responsabilidade, resta-nos tão somente agir, alegre e confiantemente, antecipando no coração a bênção que felicita o aprendiz dedicado.

E o Senhor estará conosco!

Módulo III

ATIVIDADE DE REFLEXÃO

“(...) duas asas conduzirão o Espírito Humano à presença de Deus. Uma chama-se Amor; a outra, Sabedoria. (...) Através do amor, valorizamo-nos para a vida. Através da sabedoria, somos pela vida valorizados. Daí o imperativo de marcharem juntas, a inteligência e a bondade.”

(Emmanuel)²

O presente é ação. Em toda ação estão presentes o **sentimento** e a **inteligência** interagindo com o meio. Através da ação ocorre o desenvolvimento do sentimento e da inteligência, sempre em níveis cada vez mais elevados, rumo ao futuro nobilitante.

O que leva o indivíduo a agir é a **vontade**, seja ela impulsionada pela necessidade, em seus mais diferentes níveis, pelo estímulo do meio ou pela força de atração superior.

A vontade é mola propulsora da ação, do trabalho, do esforço próprio, que leva o Espírito a desenvolver seu potencial interior. É pela vontade que o Espírito dirige seus pensamentos para determinada direção e age.

Todo o processo educativo, pois, deve ser centrado no estímulo à vontade (...).

Todo processo educativo, pois, deve ser centrado no estímulo à vontade do educando, para que este queira aprender, queira melhorar-se, empreendendo assim sua ação no bem. O Espírito deve receber os estímulos adequados à sua ação, desafios proporcionais à sua bagagem interior para que ele possa agir, utilizando sua bagagem do passado para a construção de seu futuro.

O desafio, a necessidade, o conflito íntimo, conduzem o Espírito a agir. São molas propulsoras da evolução.

O sentimento de amor é energia emuladora, a atrair o educando. Da mesma forma, o exemplo superior e a imagem estimulam a vontade do ser a seguir em determinada direção.

Emmanuel, no livro Pensamento e Vida, item 2, nos diz:

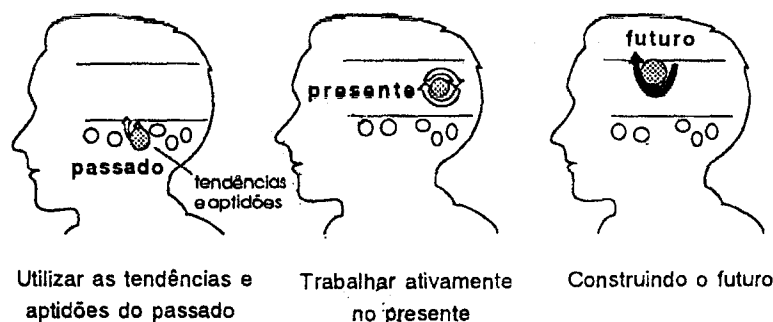
“Comparemos a mente humana – espelho vivo da consciência lúcida – a um grande escritório, subdividido em diversas seções de serviço.

Aí possuímos o Departamento do Desejo, em que operam os propósitos e as aspirações, acalentando estímulo ao trabalho; o Departamento da Inteligência, dilatando os patrimônios da evolução e da cultura; o Departamento da Imaginação, amalhando as riquezas do ideal e da sensibilidade; o Departamento da Memória, arquivando as sùmulas da experiência, e outros, ainda, que, definem os investimentos da alma.

Acima de todos eles, porém, surge o Gabinete da Vontade.

A Vontade é a gerência esclarecida e vigilante, governando todos os setores da ação mental.”

Dessa forma, empregar a vontade na construção da sabedoria significa:



² Emmanuel – Pensamento e Vida, cap. 4 – psicografia de Francisco Cândido Xavier.

Querido(a) Companheiro(a), registramos a seguir pequeno conjunto de elucidações, advindas de estudiosos da Doutrina Espírita e de Benfeitores Espirituais, acerca do estar no mundo e das dificuldades que, não raro, encontramos pelo caminho. Dessa forma, esperamos contribuir para reflexões cuidadosas e oportunas a respeito do nosso projeto maior – o crescimento espiritual – valorizando, assim, nossa presença na Terra.

- “A dor e o sofrimento resultam dos *acidentes comportamentais*, quando o homem exorbita do livre-arbítrio e faz-se verdugo de si mesmo, visto que, agindo erradamente, impõe-se a ele a necessidade da reparação e da reconquista do tempo malbaratado no erro...”
(*Loucura e Obsessão*, Manoel Philomeno de Miranda, psicografia de Divaldo Pereira Franco, cap.4– p. 47, editora FEB, 4ª edição.)
- “Desde então não devemos mais procurar satisfações materiais, porém trabalhar com ardor pelo nosso adiantamento. O supremo alvo é a perfeição; o caminho que para lá conduz é o progresso. Estrada longa que se percorre passo a passo. À proporção que se avança, parece que o alvo longínquo recua, mas, em cada passo que dá, o ser recolhe o fruto de seus trabalhos, enriquece a sua experiência e desenvolve as suas faculdades.”
(*Depois da Morte*, Léon Denis, cap.XII, pp.136,137; ed. FEB – 16ª edição.)
- “A prova é um remédio infalível para a nossa experiência. (...) Quando resistimos aos seus apelos, quando recusamos seguir-lhe os conselhos, ela deixa-nos sofrer decepções e revezes, sabendo que a adversidade é a melhor escola da prudência.”
(idem; pp. 141,142.)
- “Ser pessoa é ter uma consciência, um ‘eu’ que reflete, examina-se, recorda-se.”
(*O problema do ser, do destino e da dor*, Léon Denis, p.64; ed. FEB – 23ª edição.)
- Como educar um sentimento, um afeto, uma emoção que não pode ser cultivada?

“Pelo exercício mental. Se a razão diz que esse sentimento é pernicioso ou, pelo menos, é perturbador ou inútil, aplicar a razão à emoção e canalizar as forças para os sentimentos superiores que defluem das emoções elevadas. Não há uma técnica específica, senão aquela que é resultado da disciplina. Não se pode considerar que se tem o direito a viver experiências perturbadoras somente porque hoje estão em moda. Tampouco pensar: como os outros se permitem uma vida irregular; por que não a própria pessoa? A Doutrina nos ensina, que tudo quanto não edifica, perturba. Com essa visão racional, aplica-se o crivo da edificação dos desejos e dos hábitos a tudo quanto pode levar o ser a encarceramento na área das paixões dissolventes. Primeiro, exercitando a mente e colocando-a nas emoções superiores, porque onde estejam as aspirações, aí estará o sentimento. Nas palavras de Jesus: *Onde esteja o sentimento, o desejo, aí estará o coração.*”
(*Palavras de Luz*, Divaldo Pereira Franco, pp. 104, 105 e 106 – 2ª edição.)
- “Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.”
(Jesus - Mt, 6: 21)
- “O mundo interior é a fonte de todos os princípios bons ou maus e todas as expressões exteriores guardam aí os seus fundamentos (...). Será muito fácil ao homem confessar a aceitação de verdades religiosas, operar a adesão verbal e ideologias edificantes... Outra coisa, porém, é realizar a obra de elevação de si mesmo, valendo-se da autodisciplina da compreensão fraternal e do espírito de sacrifício (...).”
(*Caminho, Verdade e Vida*, Emmanuel, cap. 18.)
- “Alimpai as mãos, pecadores; e, vós de duplo ânimo, purificai os corações.”
(Tg, 4: 8.)

BIBLIOGRAFIA

Por maior que seja o conhecimento doutrinário do Evangelizador, a consulta bibliográfica antes da preparação da aula é sempre necessária, não só com vistas a um conhecimento mais amplo do assunto, mas também para que as citações de trechos que porventura venha fazer sejam o mais possível coincidentes com o texto original.

1 - O Velho e o Novo Testamentos (A Bíblia)

São freqüentes as citações do Novo Testamento nas obras espíritas, e não poderia ser de outra forma, de vez que a Doutrina Espírita, tendo vindo para reviver os ensinamentos de Jesus, só pode cumprir fielmente a sua missão se buscar o registro desses ensinamentos para neles se basear. O Velho Testamento, com sua linguagem simbólica, nem sempre facilmente interpretável, é muito menos citado e - à exceção dos Dez Mandamentos - é visto mais como um relato histórico do que como fonte de ensinamentos filosóficos e morais. Estes, o Espiritismo busca no Evangelho de Jesus.

A Bíblia não teve sempre as divisões que conhecemos atualmente. Só no século XIII é que foi dividida em capítulos; a divisão destes em versículos deu-se mais tarde, no século XVI. É indiscutível a vantagem de estarem numerados capítulos e versículos, face à rapidez com que se pode localizar determinado trecho. O Velho Testamento apresenta pequena variação no critério de divisão dos seus livros. Há edições que o fazem em 39 unidades, outras em 44. Isso, entretanto, não causa qualquer dificuldade ao leitor. Para se localizar determinado trecho como, por exemplo. Lev. 19. 18, deve-se proceder da seguinte forma: busca-se no índice o número da página em que começa o livro *Levítico*. Uma vez localizado o livro, procura-se nele o capítulo, no caso o 19, e, depois, o versículo 18, onde se poderá ler o ensinamento a respeito do amor ao próximo.

O Novo Testamento é dividido em 27 partes: quatro Evangelhos, Atos dos Apóstolos, quatorze Epístolas de Paulo, uma de Tiago, duas de Pedro, três de João, uma de Judas e o Apocalipse. Para se localizar uma passagem, procede-se do modo já referido para o Velho Testamento, tendo-se agora o cuidado de se observar que as Cartas de Paulo têm como títulos os seus destinatários (Romanos, Coríntios, Filipenses, etc.), enquanto aquelas dos outros Apóstolos levam os nomes dos próprios autores (Tiago, 1 Pedro, 2 João, Judas). Há que se tomar cuidado também para não se confundir: Jo 4.1 e 1 Jo 4.1, pois no primeiro caso trata-se do Evangelho de João e no segundo, da sua Primeira Epístola. Note-se também que, quando o nome é longo, usa-se a forma abreviada: 1 Co 12. 7 a 11 (Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios, capítulo 12, versículos de 7 a 11).

O Evangelizador deve formar o hábito de fazer as anotações no seu fichário ou temário sempre com base em capítulos e versículos e não em números de páginas, pelo fato de as obras variarem muito de edição para edição.

2 - As Obras da Codificação

Sem o conhecimento das obras da Codificação não é possível fazer um trabalho de Evangelização verdadeiramente espírita, de vez que sem Kardec não há Espiritismo. É imprescindível, portanto, o estudo constante das obras básicas da Doutrina, a fim de que o Evangelizador tenha segurança de estar passando às crianças o verdadeiro pensamento espírita, as verdades consoladoras que Jesus enviou através do Espírito da Verdade e de Kardec.

Para o estudo e anotação da obra kardequiana é necessário se observem certas particularidades da mesma, a fim de facilitar o trabalho de localização de determinado assunto.

O Livro dos Espíritos tem 1019 itens, que são distribuídos em quatro "livros" ou partes. Cada uma dessas partes é dividida em capítulos. Como a numeração dos capítulos recomeça em cada uma das quatro partes, é mais proveitoso se fizerem as anotações sempre pelos itens que tratam do assunto em pauta. A denominação *item* é preferível a *pergunta*, pelo fato de haver vários itens (como, por exemplo: 59, 222, 257, etc.) que não são constituídos de perguntas e respostas, mas sim de ensaios de autoria do Codificador. Além dos 1019 itens, o Livro dos Espíritos tem uma *Introdução*, de leitura e estudo indispensáveis, o mesmo se afirmando a respeito dos *Prolegômenos* e da *Conclusão*.

O Livro dos Médiuns, obra que trata principalmente da parte fenomenológica da Doutrina, é dividido em duas partes, cada uma com os seus capítulos numerados separadamente. As referências a assuntos tratados nesse livro serão mais precisas se forem observados, como se recomenda para os outros livros, os números dos seus itens (de 1 a 350). A obra inclui também uma *Introdução* e, na parte final, o *Regulamento da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*, com a finalidade de orientar as sociedades, grupos ou centros que se fundassem nos primeiros tempos do Espiritismo. No final do livro há um capítulo intitulado *Dissertações Espíritas*, uma coletânea de comunicações que Kardec, mui judiciosamente, inseriu ali, com o objetivo de treinar o espírito crítico a respeito de mensagens dadas por via mediúnica, no que segue a recomendação de João (1 Jo 4. 1). Finaliza a obra um pequeno *Vocabulário Espírita*.

O Evangelho segundo o Espiritismo é a obra que trata mais diretamente do aspecto religioso da Doutrina. Kardec reuniu nela a parte moral dos ensinamentos do Evangelho de Jesus, aqueles que constituem verdadeiramente o cerne do Cristianismo, comentando-os e suscitando comentários dos Espíritos Superiores a respeito. O livro é prefaciado pelo Espírito da Verdade. A *Introdução* contém esclarecimentos de grande proveito para um melhor entendimento da obra. Os temas são distribuídos em 28 capítulos, todos eles divididos em itens, o que facilita a localização e anotação dos assuntos.

O Céu e o Inferno ou a Justiça Divina segundo o Espiritismo é um exame comparado das doutrinas sobre a passagem da vida corporal à vida espiritual, sobre as penalidades e recompensas futuras, sobre anjos e demônios, etc., seguido de numerosos exemplos acerca da situação real das almas durante e depois da morte. O livro é dividido em duas partes: *Doutrina e Exemplos*; na primeira tem-se a posição doutrinária do Espiritismo diante do materialismo, do temor da morte, das doutrinas que pregam a existência do céu e do inferno, do purgatório, etc. A segunda parte é constituída de comunicações de Espíritos felizes e infelizes, comentadas pelos Espíritos Superiores e por Kardec.

A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo é a última obra do chamado Pentateuco Kardequiano. É dividida em três partes, conforme o seu próprio título: *A Gênese, os*

Milagres e as Predições. Na primeira parte, Kardec trata do caráter da revelação espírita, da existência de Deus, do bem e do mal, das teorias da gênese planetária, em relação à gênese moisaica e à Doutrina Espírita. Na segunda parte são abordados os assim chamados milagres, enquadrados, segundo a ótica espírita, como fenômenos naturais. São analisados também muitos fatos da vida de Jesus, os quais, à primeira vista, parecem derrogar as leis da Natureza. São todos analisados como fenômenos naturais, conquanto não comuns. Na terceira parte são estudadas as predições, tanto aquelas que se referem ao passado, feitas antes de Jesus, como outras que lhe são posteriores. Essa obra é também um estudo indispensável por parte do Evangelizador, principalmente pelos esclarecimentos e interpretações que traz a respeito de várias passagens do Novo Testamento.

Embora dividida em três partes distintas, essa obra apresenta uma característica diferente das demais obras da Codificação: os seus capítulos seguem uma única numeração, tendo, cada um deles, numeração própria para os itens.

3 - As Obras Subsidiárias

Gabriel Delanne, Léon Denis, Camille Flammarion são nomes que se destacam dentre os contemporâneos de Allan Kardec, pela contribuição que deram à Doutrina, não só pelo trabalho de divulgação que promoveram, mas também pelas obras que deixaram.

Além da contribuição desses autores encarnados, há um imenso acervo bibliográfico recebido por via mediúnica. Sabe-se, perfeitamente, que o edifício doutrinário, os princípios basilares da Doutrina, deixou-os Kardec. Esses princípios são inabaláveis, pois se baseiam em leis imutáveis. Entretanto, novos esclarecimentos chegam à Terra através da mediunidade de Francisco Cândido Xavier, de Yvonne A. Pereira, de Divaldo Pereira Franco e de outros médiuns. É de se observar que as obras recebidas por via mediúnica vêm comprovar e desdobrar os ensinamentos dados a Kardec pelos Espíritos Superiores, sem jamais contrariar os princípios doutrinários. São novos estudos a respeito do Novo Testamento. São enfoques modernos que mostram os ensinamentos evangélicos perfeitamente compatíveis com a vida moderna. São trabalhos que incorporam os postulados evangélicos aos atos comuns da vida diária. Outros estudos se referem a um aprofundamento e desdobramento da própria Codificação, mostrando o estreito relacionamento entre os Espíritos encarnados e aqueles desencarnados. Outras vezes essas contribuições mediúnicas fazem a síntese de novas descobertas científicas com as verdades já reveladas pela Doutrina, evidenciando, assim, o seu caráter dinâmico, progressista, conforme o inspirado pensamento do Codificador.

São obras de fácil consulta, vez que sempre divididas em capítulos. Ao fichá-las ou registrar assuntos em temários, recomenda-se a referência ao capítulo, ao item e nunca à página, conforme já foi anteriormente dito.

É evidente que não se pode aceitar toda obra mediúnica que apareça. Para avaliá-las é necessário além de conhecer a fonte de onde provém, ter-se conhecimento doutrinário, a fim de se poder verificar se a mensagem não contraria os princípios basilares da Doutrina. Hoje, mais do que nunca, é preciso que se atente à sábia recomendação do Codificador, quando declara ser preferível recusar-se noventa e nove comunicações verdadeiras a se aceitar uma falsa.

CITAÇÕES BÍBLICAS

Antigo Testamento

As citações são sempre por extenso:

Levítico, 19: 18 (Livro Levítico, capítulo 19, versículo 18)

Deuteronômio, 6: 5 (Livro Deuteronômio, capítulo 6, versículo 5)

Novo Testamento

As citações são sempre abreviadas:

Mateus - Mt

Marcos - Mc

Lucas - Lc

João - Jo

Atos - At

Apocalipse - Ap

As Epístolas de Paulo sempre levam o nome dos destinatários:

Romanos - Rm

1 Coríntios - 1Co

2 Coríntios - 2 Co

Gálatas - Gl

Efésios - Ef

Filipenses - Fp

Colossenses - Cl

As demais Epístolas têm como título o nome dos Autores:

1 Pedro - 1 Pe

2 Pedro - 2 Pe

1 João - 1 Jo

2 João - 2 Jo

3 João - 3 Jo

Judas - Jd

Tiago - Tg

Exemplos:

Mt, 5: 43 a 47 (Evangelho de Mateus, capítulo 5, versículos de 43 a 47)

Tg, 2: 17 (Epístola de Tiago, capítulo 2, versículo 17)

Rm, 16: 5 (Epístola de Paulo aos Romanos, capítulo 16, versículo 5)

1 Ts, 2: 9 (1ª Epístola de Paulo aos Tessalonicenses, capítulo 2, versículo 9)

1 Pe, 4: 8 (1ª Epístola de Pedro, capítulo 4, versículo 8)